

O BRINCAR NO MULTILETRAMENTO ENGAJADO PARA A CONSTRUÇÃO DE PRÁTICAS INSURGENTES

PLAY IN THE ENGAGED MULTILITERACY FOR CRAFTING INSURGENT PRACTICES

JUGAR EN LO MULTILITERACIDAD COMPROMETIDA PARA LA CONSTRUCCIÓN DE PRÁCTICAS INSURGENTES

Fernanda Coelho Liberali¹

Larissa Picinato Mazuchelli²

Luciana Kool Modesto-Sarra³

Resumo: Ancorado na luta decolonial, que busca superar o exercício de poder que sustenta políticas de exclusão e morte (SANTOS, 2018), conhecido como necropolítica (MBEMBE, 2016), este artigo articula os conceitos de brincar e atividade (VYGOTSKY, 1933/1991; 1934/1994), integrado às ideias Freirianas, para contextualizar uma prática política de multiletramento. O Multiletramento Engajado (LIBERALI, 2021) propõe ir além da compreensão das injustiças e desigualdades da realidade, buscando superá-las como parte da proposta pedagógica. Para este trabalho, analisamos o planejamento, trocas via *WhatsApp* e a videogravação de um encontro realizado virtualmente durante a pandemia de Covid-19 pelo Projeto Brincadas que tematizou a realidade, a luta e o orgulho LGBTQIA+. De maneira geral, a discussão e análise apresentadas mostram como essa prática insurgente de formação cria, por meio do brincar, instrumentalidades (ENGESTRÖM, 1987/2016) de enfrentamento da colonialidade e alicerça caminhos para a construção de novos sentidos e experiências na busca pelo Bem Viver (KRENAK, 2020a).

Palavras-chave: Brincar. Multiletramento Engajado. Decolonialidade. Bem Viver. LGBTQIA+

Abstract: Anchored in the decolonial struggle, which seeks to overcome the exercise of power that sustains exclusion and death policies (SANTOS, 2018), known as necropolitics (MBEMBE, 2016), this article articulates the concepts of play and activity (VYGOTSKY, 1933/1991; 1934/1994), integrated with Freirean ideas, to contextualize a political practice of multiliteracy. The Engaged Multiliteracy (LIBERALI, 2021) proposes to go beyond understanding the injustices and inequalities

¹ Professora dos Programas de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudo da Linguagem, em Educação: Formação de Formadores e em Educação: Currículo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Líder do GP LACE, CNPq, PIPEq, e-mail: liberali@uol.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7165-646X>.

² Professora do Curso de Letras, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Pesquisadora Pós-Doc no GP LACE, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; e-mail: lpmazuchelli@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5253-7593>.

³ Professora na Beacon School. Mestranda no Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudo da Linguagem e Pesquisadora do GP LACE, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, CAPES; e-mail: kms.luciana@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7597-6484>.

of reality, seeking to overcome them as part of the pedagogical proposal. For this work, we analyze the planning, exchanges via *WhatsApp*, and the video recording of a virtual activity during the Covid-19 pandemic by Projeto Brincadas, which thematized the reality, the fight, and the pride of LGBTQIA+. Generally, the discussion and the analysis show how this insurgent education practice creates, through play, instrumentalities (ENGESTRÖM, 1987/2016) for confronting coloniality and underpins paths for the construction new meanings and experiences in the search for Good Living (KRENAK, 2020a).

Keywords: Play. Engaged Multiliteracy. Decoloniality. Good Living. LGBTQIA+.

Resumen: Anclado en la lucha descolonial, que busca superar el ejercicio del poder que sostiene las políticas de exclusión y muerte (SANTOS, 2018), conocidas como necropolíticas (MBEMBE, 2016) este artículo enlaza los conceptos de la actividad y del juego (VYGOTSKY, 1933/1991; 1934/1994), integrado con las ideas Freirianas, para contextualizar una práctica política de multiliteracidad. La Multiliteracidad Comprometida (LIBERALI, 2021) propone ir más allá de la comprensión de las injusticias y de las desigualdades de la realidad y busca superarlas como parte de la propuesta pedagógica. Para este trabajo, analizamos la planificación, los intercambios vía *WhatsApp* y la grabación de vídeo de una actividad desarrollada virtualmente durante la pandemia de Covid-19 em el Proyecto Brincadas, que se centró en la realidad, la lucha y el orgullo LGBTQIA +. En general, la discusión y análisis presentados muestran cómo esta práctica de formación insurgente crea , a través del juego, instrumentalidades (ENGESTRÖM, 1987/2016) para enfrentar la colonialidad y fundamenta caminos para la construcción nuevos significados y experiencias en la búsqueda del Bien Vivir (KRENAK, 2020a).

Palabras clave: Jugar. Multiliteracidad Comprometida. Decolonialidad. Bien Vivir. LGBTQIA+.

Introdução

Grito em Silêncio

Choro e ninguém vê o meu pranto.
Grito e ninguém ouve o meu grito.
Minha garganta dói
minha voz está rouca.
Mesmo assim, chamo socorro.
Meu corpo está despido
e minha vida correndo perigo.
Estarão meus filhinhos órfãos
se não souberem me salvar.
Minha casa não tem água
e minhas forças se acabaram.
Sinto a luz me abraçar
e à escuridão me entrego.
Sinto que estou a acabar.
Goreth Barradas, 2011

Um grafite, em um muro na cidade de Barcelona, descreve em poucas palavras um sentimento difícil de testemunhar: “Com a ditadura nos matavam. Agora nos deixam

morrer.⁴” (GEFAELL, 2015). Essa imagem, o poema que abre este artigo e o brincar - foco deste estudo – nos permitem, pelos afetos que evocam, sobreviver à dor da existência num mundo de *necropolítica* – administração política dos corpos que podem ou não existir (MBEMBE, 2016). Uma gestão da morte que nos obriga a escolher entre comer e ter eletricidade, trabalhar no chão da escola durante a pandemia mais mortal do século XXI ou perder o emprego. É ela que impõe aos profissionais de saúde determinar quem deve receber respirador. É assim que funciona a necropolítica do neoliberalismo, fazendo circular o raciocínio de uma escolha *livre*. Fala-se muito das difíceis decisões que precisamos tomar, mas pouco se ouve falar das *raízes* dessas escolhas, das condições materiais históricas que nos levam a elas. Afinal, no contexto de crise humanitária da pandemia de covid-19, a pergunta não deveria ser “quem deverá receber respirador”, mas “por que não há respirador a todos que dele necessitam?”⁵

Naturaliza-se, então, a ideia de uma *opção independente*, (re)criando-se as bases ideológicas para a crença (e responsabilização individual) por certas escolhas. Esquecemos que nossa condição de precariedade – essa condição de vida fantasiada de opções claras – é produto de um sistema que instaura quais corpos são excluídos: “O capitalismo neoliberal somente quer corpos lucrativos. Aqueles que não podem ou não querem ser empreendedores ou consumir são excluídos. Mas, na realidade, a maioria se encontra em situação precária, pois é o próprio sistema que os exclui”⁶ (GEFAELL, 2015, p. 25). Esse é o exercício de poder que desumaniza e que reflete a persistência de um pensamento abissal⁷ (SANTOS, 2007). Eis a criação e sustentação de espaços de exceção habitados por subhumanos (SANTOS, 2018).

Uma das formas de combater a necropolítica, engendrada na colonialidade do poder, do saber e do ser, passa por descortinar esses apagamentos. É disso que fala hooks quando afirma que o processo educativo deve não apenas partir da realidade de cada um de seus participantes, mas levar ao diálogo para a análise dos problemas e para a elaboração de

⁴ Em espanhol: “Con la ditadura nos mataban. Ahora nos dejan morir”.

⁵ Uma reportagem a respeito da falta de ventiladores pode ser acessada aqui: <https://bitly.com/fm13QR> Acesso: 9.set.2021.

⁶ Em espanhol: “El capitalismo neoliberal solo desea cuerpos rentables. Los que no pueden o no quieren ser emprendedores ni consumir son excluidos. Aunque, en realidad, la mayoría está en una situación precaria porque es el sistema mismo el que los excluye”.

⁷ Segundo Santos (2007), a característica principal do pensamento abissal é “a impossibilidade da co-presença dos dois lados da linha. O universo “deste lado da linha” só prevalece na medida em que esgota o campo da realidade relevante: *para além da linha há apenas inexistência, invisibilidade e ausência não-dialética.*” (SANTOS, 2007, p. 71, *grifos nossos*).

possibilidades de mudança e superação (HOOKS, 2017). Para que seja possível, então, agir conscientemente nesse fazer histórico, é imprescindível saber *por que* vivemos assim.

Acreditamos que no coletivo podemos encontrar forças para entender, acolher, imaginar e transformar, pois é em comunidade que nos tornamos quem somos – é somente na coletividade que nossa consciência se desenvolve, *thrives*. É nela que vivenciamos nossa condição de humanidade – incompleta e sempre passível de transformação. O contrário da vida, portanto, não é a morte, mas o utilitarismo individualista que aprofunda abismos na lógica da competitividade e da destruição que diminui nosso *conatus* (ESPINOSA, 2017).

Nesse caminho, a Pedagogia dos Multiletramentos, por seu reconhecimento da diversidade semiótica, torna-se fundamental para a elaboração de práticas educativas transformadoras. Como apresentaremos a seguir, contudo, acreditamos ser necessário politizar tais práticas para não incorrerem no desenvolvimento de mais uma metodologia automatizada, *ready-made*, como o próprio New London Group (NLG; 1996/2000) criticou quando da elaboração de seu manifesto. O movimento de estancamento de propostas pedagógicas que se tornam “certas” é efeito das ideologias utilitárias do neoliberalismo e da escola bancária (FREIRE, 1970), e precisam ser colocadas constantemente em questão para que um processo pedagógico dinâmico, coletivo, vivo e insurgente não seja transformado em um passo-a-passo que sustenta as assimetrias da colonialidade⁸.

Neste artigo, partimos da discussão sobre decolonialidade e insurgência para contextualizar uma prática política com o brincar como meio afeto-cognitivo na criação do Bem Viver (KRENAK, 2020a). Para materializar essa prática, apresentamos um dos encontros do Brincadas⁹, um projeto internacional de extensão e pesquisa, ligado à *Global Play Brigade* e criado pelo GP LACE, em 2020, como resposta à crise humanitária decorrente da pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2. O encontro analisado – *Multiletramento Engajado: Orgulho LGBTQIA+* – é apresentado, portanto, como um caminho para o desenvolvimento de práticas engajadas e insurgentes que utilizam o brincar.

A escolha pelo trabalho com a questão LGBTQIA+ surgiu de um apelo da realidade: os alarmantes números de assassinatos e suicídios dessa população que, como corpos marginalizados, como aponta Dantas (2019), vivem frequentes processos de destruição e

⁸ Como aponta Santos (2018), a decolonização implica descolonizar tanto o conhecimento do colonizado quanto o do colonizador.

⁹ O Projeto Brincadas integra à *Global Play Brigade* (GPB), grupo formado por ativistas performáticos que buscam, por meio do brincar, criar esperança, possibilidade de mudança, suporte para acolhimento psicológico e financeiro aos que necessitam (BARTHOLO; MODESTO-SARRA, 2020; MODESTO-SARRA; DIEGUES; TISO, 2021). Para saber mais sobre o Projeto Brincadas e a GPB, acesse: <https://bit.ly/ProjetoBrincadas>.

morte. Como descrito pelo Observatório das Mortes Violentas de LGBTQIA+ No Brasil – 2020¹⁰ (GASTALDI et al, 2021), mesmo considerando a subnotificação de casos, em 2000, o número de vítimas chegou a 130, e em 2017 (seu ápice) a 445. Ainda que os números mostrem um decréscimo em 2019 (329), foram registradas 230 vítimas em 2020 (161 travestis e trans, 51 gays, 10 lésbicas, 3 homens trans, 3 bissexuais e 2 heterossexuais que foram confundidos com homossexuais). São dados alarmantes, principalmente considerando o início da pandemia, o isolamento social e o decreto do Supremo Tribunal Federal que, em 2019, passou a reconhecer o crime de homofobia e transfobia como prática de racismo e passível de ser aplicada a Lei nº 7.716/89. Nos primeiros quatro meses de 2021, de forma semelhante, a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA¹¹) aponta que já ocorreram 56 assassinatos de 54 mulheres trans/travestis e 2 homens trans/trans masculinos.

Além do número trágico de vítimas, dessas existências transformadas em discriminação e morte, como aponta Dantas (2019), o trabalho com a temática LGBTQIA+ foi especificamente marcado pela necessidade de nos manifestar contra um projeto de lei que visava proibir a veiculação de publicidade com pessoas LGBTQIA+ ou famílias homoafetivas no estado de São Paulo, posto em votação em 22 de abril de 2021, na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. Nas palavras da deputada Erica Malunguinho do PSOL-SP (2021), que lidera a oposição contra a proposta:

É dar mais um passo rumo às violências que já são constantes em relação a nós. Querem nos eliminar da sociedade sob o pretexto de proteger as crianças, quando a gente sabe que os grandes problemas na infância, neste país, são a falta de alimento, de acesso à escola, a violência doméstica e outros abusos que acontecem dentro de casa. Associar a gente à má influência para as crianças é extremamente desumanizador. (GONZALEZ; GERALDO, 2021).

A invisibilização dessa população, nesse caso por meio da proibição de publicidade, é mais uma materialização da linha abissal, já que além dela “há apenas inexistência, invisibilidade e ausência não-dialética” (SANTOS, 2007, p. 71). Foi a indignação contra esse projeto de dissimulação e apagamento que levou à decisão de elaborar uma Brincada com foco no Orgulho LGBTQIA+. Importante frisar que a proposta não se caracterizava apenas por simples denúncia de tal projeto, mas focalizava o universo desse grupo de pessoas oprimidas, o que demandava uma discussão mais ampla e capaz de criar *fissuras* nas formas

¹⁰ Disponível em: <https://observatoriomortesviolentaslgbtbrasil.org/>. Acesso: 30.set. 2021.

¹¹ Disponível em: <https://antrabrasil.org/noticias/>. Acesso: 30.set. 2021.

de compreensão e ação de todos em relação à essa população e de enfrentamento a isso que compreendemos ser um dos dispositivos da necropolítica, como passamos a explorar nas próximas seções.

Saberes para a construção da nossa história

Compreender a realidade é uma tarefa complexa que exige a articulação de saberes distintos que vão além da identificação de fatores e elementos imediatos. Tomemos como exemplo a falta de ventiladores para pacientes internados em estado grave em virtude de complicações da Covid-19. Entender a complexidade da realidade vivenciada pelos profissionais da saúde ao escolherem quem deveria receber o auxílio dos ventiladores disponíveis, como nos mostra o relato do médico da emergência de um hospital da Zona Oeste do Rio de Janeiro, Pedro Archer, nos exige ir além da constatação da falta desses ventiladores.

Nesse meio tempo, uma paciente bem idosa, com quadro complicado e prognóstico ruim, foi a óbito. A equipe decidiu não tentar fazer nenhuma manobra de ressuscitação para usarmos o respirador dela. Depois, com dez, 15 pessoas precisando do ventilador, como escolher quem terá acesso? Tentamos ser o mais racionais, na medida do possível. Escolher quem tem mais chance de sair. Entre uma pessoa com muitas comorbidades, um quadro incapacitante, e outro jovem, você acaba escolhendo o paciente jovem. Usamos aquele equipamento para outro paciente. Sem ele, naquela noite poderíamos ter tido três mortes por falta de ventilador. Já estamos nesse patamar de escolha, infelizmente. Isso mexe com o psicológico de todo mundo da equipe, nunca imaginei que iria passar por isso. (GRINBERG, 2020).

Essa realidade, vivenciada por tantos profissionais da saúde, foi decorrência do crescente número de casos de infecções, da falta de administração e contenção da pandemia e, à época, da falta de vacinas. Contudo, ela também decorre da história de desvios de dinheiro do sistema público de saúde, da ausência de investimento em pesquisas e está articulada tanto a decisões políticas mais imediatas (por exemplo, a demora na determinação de quarentena) quanto a práticas históricas de ações políticas lentas – sem planejamento e visão¹². Trata-se de uma realidade que diz respeito tanto ao hospital quanto ao seu entorno e à história do Brasil e da América Latina.

¹² Isso não se restringe ao Brasil, mas a título de exemplificação, pensemos nas políticas e ações públicas brasileiras que são criadas para resolver demandas urgentes como contenção de enchentes e a grande dificuldade de elaboração de ações para demandas futuras que já se apresentam como necessárias.

Quando buscamos ir além nesse processo de compreensão da realidade, portanto, passamos também a ver a gestão da morte nesse relato: vemos o projeto atual de indeterminação de ações protetivas, a proliferação de notícias falsas, o aumento de forças discursivas contrárias à realidade da doença. Testemunhamos um processo de necroadministração que, embora esteja ligado à história da saúde, do Brasil e da América Latina, encontrou, no atual governo, as condições ideais para seu avanço.

Não é objetivo deste trabalho, contudo, nos enveredar pelas complexidades e imbricamentos de fenômenos como este. Antes, nos interessa mostrar, com essa breve reflexão, *a complexidade do processo de compreensão da realidade*. Nos interessa também mostrar, como apontado anteriormente, que é preciso buscar os apagamentos, resgatar as histórias deixadas de lado. Não se trata, assim, de fomentar saberes unicamente tecnocráticos, ou seja, identificar quem descumpriu quais leis, qual foi a movimentação financeira que impediu que um hospital não tivesse o número de ventiladores suficientes etc. No caso da violência vivida pelas pessoas LGBTQIA+, por exemplo, compreender as motivações dos crimes vai muito além da tipificação do crime, da identificação dos assassinos e de suas motivações imediatas. Como aponta Fanon (1968, p. 210), “o colonialismo não se contenta apenas em manter um povo em suas garras e esvaziar o cérebro do nativo de toda forma e conteúdo. Por uma espécie de lógica pervertida, volta-se para o passado das pessoas oprimidas, o distorce, desfigura e destrói¹³”. É preciso, portanto, ir além daquilo que é apresentado imediatamente e tornar visível o que é historicamente acobertado.

Essa é uma das tarefas fundamentais da luta decolonial – resgatar as histórias distorcidas e apagadas –, pois decolonizar o saber e o ser é essencial para saber e se tornar “o que a colonialidade do saber e do ser nos impede de saber e se tornar¹⁴” (MIGNOLO, 2018, p.136). A realidade é, para o autor, nada mais que “o senso comum criado através da colonialidade do conhecimento e do ser¹⁵” (id, p. 138). Para ele, somente por meio do questionamento da epistemologia ocidental é que podemos decolonizar o saber e somente questionando a ontologia ocidental é que se pode decolonizar o ser.

¹³ Em inglês, “colonialism is not satisfied merely with holding a people in its grip and emptying the native’s brain of all form and content. By a kind of perverted logic, it turns to the past of oppressed people, and distorts, disfigures, and destroys it”.

¹⁴ Em inglês, “It follows then that decolonizing knowledge and being (entity) to liberate knowing and becoming what coloniality of knowledge and being prevents to know and become, is at this point the fundamental task of decoloniality”.

¹⁵ Em inglês, “the commonsense created through coloniality of knowledge and of being”.

De maneira similar, hooks (2020) defende a necessidade de compreendermos como as realidades são vividas, indo além, portanto, da identificação dos interesses de cada coletividade, mas partindo de sua interpretação dos fatos para se criar a base “de qualquer processo de diálogo e construção coletiva de conhecimentos por meio dos círculos de cultura” (HOOKS, 2020, p. 10). Para que sejam possíveis a emancipação, a transformação e a ação consciente no fazer histórico, a autora afirma ser essencial, portanto, que a ação tenha como fundamento o bem comum. Assim, é preciso saberes conscientes que “permitam fazer com que as populações construam sua história, reconhecendo na vida das pessoas, no seu conhecimento e no agir, o ponto de partida e de chegada” (id, p. 10).

Uma educação insurgente, portanto, se desenvolve na busca por uma perspectiva emancipatória que contribua para a compreensão de si e da coletividade “após séculos de submissão, desmembramento e alienação. O conceito de desmembramento captura não apenas a fragmentação física, mas também a colonização epistemológica da mente, bem como a ‘decapitação cultural’ que resultou em profundas formas de alienação entre os africanos¹⁶”, como argumenta Ngugi (1986) segundo Mignolo (2018, p. 11).

Um dos caminhos para criar possibilidades insurgentes da compreensão da realidade e de sua transformação é a educação libertadora, como propõe Freire (1970), que nos desafia a converter as práticas pedagógicas, a escola e o currículo em instrumentos de superação das opressões. A Pedagogia dos Multiletramentos, como proposta pelo New London Group (1996/2000), surge como uma resposta a esse desafio de transformação da educação, uma resistência à compreensão tecnicista e tecnocrática do letramento e ao passo-a-passo desterritorializado, pré-pronto e independente (ou muito pouco) dos sujeitos participantes do processo. A compreensão dos letramentos como práticas sociais, portanto, situadas espaço-temporalmente, convoca pesquisadores e educadores a reconhecerem a multiplicidade (de vozes, formas, relações) dos letramentos. A Pedagogia dos Multiletramentos, assim, passa a valorizar o sujeito no complexo processo de (re)produção de sentido(s) e de suas possibilidades de *mediums*.

Tal movimento, contudo, embora fundamental para a entrada, na educação, do estudo de diferentes recursos semióticos na compreensão da realidade, não foi suficiente para a sustentação das bases necessárias à transformação desejada por Freire, por pesquisadores

¹⁶ Em inglês, “after centuries of submission, dismemberment, and alienation. The concept of dismemberment captures not only physical fragmentation but also the epistemological colonization of the mind, as well as the “cultural decapitation” that resulted in profound forms of alienation among Africans”.

decoloniais e por nós. É a partir desta constatação que Liberali (2021, no prelo) retorna à Pedagogia dos Multiletramentos e propõe “formas de pensar a educação, não de forma ingênua, mas com proposta de um real engajamento com a vida e com sua transformação por meio do processo praxiológico que é compreendido como uma possível forma de educar para o Bem Viver” (LIBERALI, 2021, no prelo). O engajamento com a “vida que se vive” (MARX; ENGELS, 1989/2007) torna-se elemento central na proposta da autora que nos convida, então, a criar caminhos em que “a realidade seja o ponto de partida e de chegada de toda forma de trabalho pedagógico” (id, no prelo), ou seja, em que se opera sobre as atividades *da vida* que se tornarão objeto de experimentação, reflexão, análise, avaliação e transformação.

Considerando a importância da decolonização do ser e do pensar para a transformação do mundo e a complexidade de compreensão da experiência da realidade vivida para que os estudantes se engajem, acreditamos, como Vygotsky e seus seguidores, que o brincar é elemento chave nesse processo. Em linhas gerais, o brincar pode ser compreendido como uma performance em que você experiencia ser o que não é enquanto se transforma naquilo que pode ser (HOLZMAN, 2009). Trata-se, assim, de experimentar algo que vai além de si mesmo, expandindo as possibilidades de participação por meio de saberes introduzidos nesse processo constante de mudança e de transformação. Por meio do brincar, pode-se desenvolver mais liberdade e a capacidade crescente de ir além das trilhas e fronteiras dominantes.

Nesse sentido, o Multiletramento Engajado, segundo Liberali (2021, no prelo), baseia-se no desenvolvimento de atividades que possibilitem que os aprendizes sejam, inicialmente, mergulhados em experiências com a realidade. Trata-se do processo de **Imersão na Realidade**, que retoma a prática situada, como proposta pelo NLG (1996/2000), e que se expande com a imersão de Freire e com o acesso a saberes distintos da vida cotidiana, como proposto por Vygotsky. Em seguida, retomando a instrução evidente e o enquadramento crítico do NLG e os integrando à conscientização e emersão histórica de Freire, os aprendizes têm a oportunidade de utilizar seus patrimônios vivenciais¹⁷ enquanto criam e compartilham novas possibilidades de ser, pensar, sentir e agir, refletindo sobre elas e as ampliando na **Construção Crítica de Generalizações**. Finalmente, os participantes têm a oportunidade de se engajar em suas histórias, transformando suas realidades com o desenvolvimento de

¹⁷ Como proposto por Liberali (2020), o patrimônio vivencial diz respeito a um conjunto de recursos, desenvolvidos ao longo de toda a vida, a partir de eventos dramáticos vividos e que podem se materializar nas formas de viver novas experiências.

propostas para a **Produção de Mudança Social**. Assim, por meio de atividades didáticas e do brincar, os aprendizes refletem, constroem possibilidades e implementam ações concretas de transformação, o que possibilita que se coloquem como agentes de transformações radicais (STETSENKO, 2017; LIBERALI, 2019).

Por meio do Multiletramento Engajado, os participantes vão, portanto, além do conhecimento imediato da realidade, pois o engajamento é necessariamente historicizado. Nessas atividades, o brincar torna-se estratégia chave de luta para entender a realidade no concreto do que ela é e naquilo que ela significa historicamente, pois possibilita que os participantes experienciem ser o que não são enquanto se transformam naquilo que podem ser, como dito anteriormente. É, portanto, por meio do brincar, em atividades engajadas, que os participantes mergulham e experienciam aspectos da “vida que se vive”, mobilizando seus patrimônios vivenciais e expandindo-os com uma ação fundamentada no bem comum, criando novas instrumentalidades (ENGESTRÖM, 1987/2016) para decolonização das formas de ser, agir, pensar e sentir. Parte-se, assim, da realidade, mas se retorna a ela transformados.

O Multiletramento Engajado, por meio do brincar, possibilita, então, a abertura de *gretas* (WALSH, 2019) que contribuem para a “consciência de ser o que se é e escolher ir além da experiência da sobrevivência” (KRENAK, 2020b, pp. 107-108), implicando-nos nos processos de transformação de nossas realidades. No contexto de luta do movimento LGBTQIA+, atividades pedagógicas como as desenvolvidas pelo Projeto Brincadas caracterizam-se como um tipo de ativismo que expande “para a afirmação de um outro direito que engloba todos os demais: o direito de existir, ou, mais precisamente, o direito à vida em sua essência de potência criadora” (ROLNIK, 2018, p. 19). Processo que se alicerça, assim, em uma “cosmovisão constituída pela vida das pessoas e de todos os outros seres que compartilham o ar com a gente, que bebem água com a gente e que pisam nessa terra junto com a gente” (KRENAK, 2020a, p. 6). Uma busca, portanto, pela construção dessa grande contribuição dos povos originários que é o Bem Viver, o *Sumak Kawsay*, ou seja, a existência de modos de estar na Terra que expressam “um equilíbrio, um balanço muito sensível” (KRENAK, 2020a, p. 9) entre todos que nela habitam.

A seguir, mostramos como práticas de Multiletramento Engajado e, portanto, insurgentes, por meio do brincar, podem ser um caminho importante na criação desse equilíbrio e de um ativismo que nos retorna à potência criadora.

Multiletramento Engajado: Orgulho LGBTQIA+

A Brincada intitulada *Multiletramento Engajado: Orgulho LGBTQIA+* teve como intuito promover ações formativas e construção de repertório para tomada de decisão frente a situações de injustiças e desamparo vividas pela comunidade LGBTQIA+. As atividades foram realizadas no dia 08 de maio de 2021, sábado, entre 10h e 12h, via *Zoom*, em sala plenária e salas simultâneas. Contamos com 46 participantes de diferentes idades e nacionalidades (alunos, professores, pais, pesquisadores, interessados no tema, intérpretes de libras e de português/inglês) que se inscreveram, gratuitamente, por meio de formulário eletrônico (divulgado nas redes sociais do Projeto Brincadas) a partir do qual receberam o link de acesso à plataforma virtual.

Para o seu planejamento, foram realizados três encontros de, aproximadamente, 90 minutos de duração cada e discussões no grupo de *WhatsApp*. Como discutido em trabalhos anteriores (LIBERALI et al., 2021 no prelo; VENDRAMINI-ZANELLA et al., 2021), todo o trabalho desenvolvido pelo Projeto Brincadas fundamenta-se na Colaboração Crítica (MAGALHÃES, 2011), o que possibilita a todos os participantes – pesquisadores do GP LACE que organizam as brincadas e participantes das atividades – engajamento, busca de soluções compartilhadas, (re)organização de suas ações, (re)significação intelectual, cognitiva e emocional, e vivência da argumentação crítica.

Dessa forma, as tarefas desenvolvidas, realizadas por meio de diferentes mídias e modalidades, buscaram possibilitar vivências¹⁸ de situações opressoras contra pessoas LGBTQIA+, discussões com especialistas que incluíram diferentes aspectos legais, situacionais e discursivos referentes ao tema, e elaboração de propostas de ação em resposta a áudios acolhidos pela ONG Casa1¹⁹, que recebe pessoas trans em situação de vulnerabilidade. A Brincada criou, assim, possibilidades de vivenciar e compreender essa comunidade e agir de maneira transformadora e acolhedora a toda forma de diversidade de gênero e de sexualidade.

Embora não seja objetivo deste trabalho discorrer sobre a Colaboração Crítica, trazemos um exemplo de argumentação colaborativa e engajamento do grupo de organizadores, que mostra o processo de compreensão e (re)significação das questões

¹⁸ Embora não seja objetivo deste trabalho, compreendemos “vivência” a partir dos estudos histórico-culturais, como possível tradução do conceito de *perejivanie*. Para discussões aprofundadas ver Liberali (2018); González Rey (2016), Veresov (2017).

¹⁹ Informações sobre o trabalho desenvolvido pela ONG podem ser encontrados aqui: <https://www.casaum.org/>

envolvidas e vivenciadas pela comunidade LGBTQIA+. Essa discussão foi realizada no grupo de *WhatsApp*, ocorrida em 29 de abril, enquanto elaborávamos as questões do formulário de inscrição do evento e surge a partir da possibilidade de inserção de “cisgênero” e “transgênero” como opção de identificação no formulário, como podemos ver abaixo:

- [14:48, 29/04/2021] Pel: Você gostaria de antecipar perguntas/questões sobre o tema do encontro?
- [14:48, 29/04/2021] Pel: Algo assim 🖱
- [14:49, 29/04/2021] Larissa: siiim
- [14:52, 29/04/2021] Larissa: você é cisgênero ou transgero?
- [14:52, 29/04/2021] Larissa: alguma coisa assim, né?
- [14:52, 29/04/2021] Larissa: como você se identifica: cisgênero ou transgênero
- [14:52, 29/04/2021] Luciana: Gosta das duas perguntas
- [14:52, 29/04/2021] Luciana: Gosto
- [14:53, 29/04/2021] Luciana: Uma para buscar informação, caso não saiba e outra para sabermos o que esperam do encontro.
- [14:53, 29/04/2021] Marina: aí precisaria ter a opção: não sei responder...
- [14:53, 29/04/2021] Marina: né?
- [14:53, 29/04/2021] Luciana: Não, vai pesquisar! Kkkkkkk
- [14:54, 29/04/2021] Bárbara Manja: gosto da opção não sei responder
- [14:54, 29/04/2021] Marina: mas a ideia é saber quem já sabe, não é? Se não dermos a êner não saberemos...
- [14:54, 29/04/2021] Luciana: Brincadeira. Eu acho uma boa opção também.
- [14:55, 29/04/2021] Larissa: Acho uma boa ter o “não sei responder”
- [14:56, 29/04/2021] Cris Meaney: Gosto da opção não é da sua conta
- [14:56, 29/04/2021] Luciana: 🙄🙄🙄🙄🙄
- [14:56, 29/04/2021] Cris Meaney: Desculpem
- [14:56, 29/04/2021] Luciana: Tá ficando melhor
- [14:56, 29/04/2021] Bárbara Manja: KKKKKKKKKKKK
- [14:56, 29/04/2021] Luciana: Quem diz mais?
- [14:56, 29/04/2021] Cris Meaney: Acho isso muito esquisito
- [14:57, 29/04/2021] Luciana: Mas aparecem em algumas fichas. Eu já tive que dizer.
- [14:57, 29/04/2021] Cris Meaney: Fico perguntando no quanto essa pergunta não reforça a diferença.
- [14:57, 29/04/2021] Pel: 🙄🙄
- [14:57, 29/04/2021] Luciana: Tem sentido
- [14:58, 29/04/2021] Marina: hahahahaha Pensei o mesmo! Aliás sempre q tem essa pergunta de gênero me irrita. O q vai mudar o povo saber?
- [14:58, 29/04/2021] Cris Meaney: E no quanto ela acaba fazendo mais sentido pra quem não é heteronormativo

Como podemos observar nesse recorte, o processo de elaboração da Brincadeira gera, também nos pesquisadores, movimentos de reflexão e expansão, já que possibilita colocar em questão nossas próprias compreensões do tema e como abordar o assunto, considerando sua

grande complexidade. Nesse caso, tanto em virtude das discussões das reuniões de planejamento e do trabalho de compreensão do tema, quanto dos patrimônios vivenciais dos pesquisadores, a maneira como os futuros participantes se identificariam no formulário de inscrição tornou-se um ponto a ser debatido coletivamente, já que a Colaboração Crítica vem, ao longo dos anos de trabalho do GP LACE, possibilitando que contradições possam ser discutidas e soluções possam ser pensadas em conjunto.

Assim, essa troca de mensagens, com dúvidas e criação de opções como “não sei responder”, ou “não é da sua conta” mostram o trabalho colaborativo de pensar as possibilidades de identificação dos participantes antes da realização da Brincada. Enquanto a primeira oferece um lugar de possível conforto àqueles que, talvez, nunca tenham pensado sobre o tema, a segunda traz à discussão um ponto importante sobre a própria *necessidade* de identificação dos participantes. Afinal, como nos identificamos talvez não seja, realmente, “da conta” de ninguém.

Diversos outros pontos de vista foram inseridos na discussão, como o posicionamento de um dos pesquisadores que questiona a motivação da pergunta, “Como gay, gostaria de saber o pq da pergunta”, e levanta o problema da possível rotulação que essas categorizações carregam, argumento sustentado também por outra pesquisadora. Ainda considerando a oportunidade de iniciar a experiência da Brincada no formulário, uma das pesquisadoras aponta, em seguida, a possibilidade de perguntar aos participantes como gostariam de ser identificados (com o, a, e). Outra pesquisadora levanta, ainda, o aspecto emocional envolvido na inserção dessas perguntas nos formulários, “A questão é: A pessoa se interessa no evento, não nos conhece, vai preencher o form e... dá de cara com essa pergunta. O que ela pode pensar/sentir? Não sei se espanta, sabe?” O possível desconforto e afastamento gerados em um momento anterior às atividades da Brincada é compartilhado pelos demais participantes da discussão e a sugestão de um dos pesquisadores, “Pq não fazemos uma atividade curta com isso sem ser por formulário?” é reforçada e incorporada como atividade de abertura do Brincada, como veremos na próxima seção. A discussão é, então, encerrada com a sugestão, de uma das pesquisadoras, de manter o formulário sem essa opção e que “enquanto isso vamos decidindo e aprendendo mais sobre o que pensamos sobre isso”.

Embora, portanto, os pesquisadores compartilhem da ideia de que inserir uma questão como essa no formulário poderia possibilitar que os participantes começassem a experienciar aspectos da realidade LGBTQIA+, como terem que lidar com essas categorizações, o grupo decide por manter essa vivência *durante* a Brincada, garantindo, de certa forma, que mais

peças pudessem se sentir convidadas a participar e a construir e expandir saberes, nas atividades e brincadeiras, de forma colaborativa. Um aspecto importante que deve ser destacado, e que justifica essa breve discussão, é o caráter transformador do processo de construção colaborativa das Brincadas, especialmente em virtude das bases teóricas e ideológicas de que compartilham os participantes do projeto. Como Liberali (2021, no prelo) aponta, nesses movimentos de engajamento e busca por superação de contradições, é possível simultaneamente transcender e manter aspectos *sem a necessidade de uma ruptura abrupta com o passado* ou uma substituição definitiva do objeto existente por um totalmente novo. O processo se realiza no constante movimento de ir além por meio da ampliação das possibilidades. Isso indica, embora não represente uma *ruptura absoluta* com todos os modos de opressão, “o desejo de iniciar uma prática de enfrentamento ao conformismo”, como afirmam Santos e Cassandre (2020, p. 489) em sua discussão a respeito dos limites e potencialidades de práticas emancipatórias.

Esse breve relato mostra também como as atividades desenvolvidas na Brincada voltam-se, como dito anteriormente, à realidade, e possibilitam aos participantes ampliar os modos de participação de todos nas mais diversas atividades da vida. Por isso, o primeiro momento da Brincada é a imersão na realidade, o que passaremos a apresentar e discutir, na sequência, a partir do plano geral e de excertos de interações ocorridas no encontro. Em seguida, discutiremos sobre a “imersão” na consciência histórica e generalizante para então passarmos à “inserção” na realidade com experiências do brincar para a construção de repertórios. Dessa forma, acreditamos mostrar como os movimentos do Multiletramento Engajado (imersão na realidade, construção crítica de generalizações e produção de mudança social), atravessados pelo brincar, permitirão a interpretação do potencial insurgente da proposta realizada.

Imersão na Realidade

Para iniciar o processo de engajamento, os participantes foram recebidos ao som da música “Flutua”, de Johnny Hooker e Linniker (2017), enquanto eram saudados e convidados a se expressarem no *chat* e a observarem, também, o que as pessoas estavam registrando de suas emoções ao ouvirem a canção que fala sobre o direito de amar e de se relacionar sem precisar se esconder, sussurrar. Após cerca de 5 minutos nessa abertura inicial, convidamos os participantes a escolherem pronomes pelos quais gostariam de ser chamados (ele, ela, elu) e

renomear suas telas. Em seguida, agradecemos a participação de todas, todos e todes, apresentamos os motivos que nos levaram ao planejamento dessa Brincada e compartilhamos as palavras mais frequentes postas no *chat* a partir da música: “amor”, “resistência” e “liberdade”.

Figura 1: (Re)apresentação por meio de pronomes.



Fonte: acervo digital do Projeto Brincadas.

Essa introdução a partir da música, incluindo a reflexão sobre os sentidos e afetos que ela evoca e a demanda por escolher uma forma de tratamento criam um deslocamento que, através de diferentes semioses, possibilita que os participantes experienciem essa realidade e se posicionem. Para muitos, a questão da forma de identificação é tão naturalizada que a própria sugestão para que se renomeiem (ou que explicitem suas escolhas) desloca saberes e repertórios, além de trazer para o primeiro plano um aspecto importante da identidade LGBTQIA+ que parcelas da sociedade querem esconder, como retrata a música.

Como parte desse processo de imersão, ou seja, de captura e sensibilização para a realidade da opressão vivida pela comunidade LGBTQIA+, um vídeo²⁰, elaborado por uma das organizadoras do projeto, foi apresentado na sequência.

O vídeo apresenta trechos de filmes que retratam as várias realidades dessa comunidade, como: o medo do primeiro beijo, o *bullying* sofrido por um jovem homossexual cego; o drama de uma adolescente trans que é proibida de se vestir como uma menina/mulher

²⁰ Este vídeo, com duração de 3'50", foi elaborado para fins educacionais com trechos de alguns filmes e séries que tratam do tema LGBTQIA+. São eles: "Hoje eu não quero voltar sozinho" (RIBEIRO, 2014); "Alice Júnior" (BARONI, 2019); "Ana e Vitória – o filme" (SOUZA, 2018); "The Prom" (MURPHY, 2020); "Euphoria" (LEVINSON, 2019); "Pose" (MURPHY, FALCHUK, CANALS, 2018).

para ir à escola e escuta de seus próprios amigos algumas expressões sexistas como, "quando eu te vi no colégio, nem imaginei que fosse trans, porque você é tão bonita"; a vida amorosa homoafetiva de uma cantora que receia tornar público o seu relacionamento; o debate de um grêmio estudantil para que uma formanda pudesse levar sua namorada ao seu baile de formatura; o depoimento de uma jovem que luta para entender sua personalidade, seus relacionamentos; e o enfrentamento de uma situação de provocação e hostilidade a mulheres travestis em um baile.

Propomos, então, que os participantes reagissem ao vídeo por meio de um jogo teatral de expressão facial e corporal. Foi assim que, diante das cenas que atravessaram os espectadores e cujas reações foram manifestadas corporalmente, a foto abaixo foi gerada (Figura 2).

Figura 2: Reações através de jogo teatral .



Fonte: acervo digital do Projeto Brincadas.

Na imagem, é possível observar que as expressões faciais marcam indignação, revolta, desprezo, irritação, questionamento, apontando para o envolvimento emocional corporificado dos participantes com as situações em pauta. Como explicado por Vygotsky (1933/1991), por meio do brincar, podemos experienciar conjuntamente vivências diversas e novas possibilidades de ser quem não somos, o que, por sua vez, possibilita a produção de quem podemos vir a ser.

Em seguida, os participantes foram convidados a se organizarem em pequenos grupos, em salas simultâneas, onde discutiram sobre como reagiram às situações apresentadas, como contribuíram e falaram sobre as possibilidades de ação para mudar tantas formas de violência observadas no vídeo apresentado e também a partir de seus próprios repertórios e patrimônios vivenciais.

Na experiência realizada até aqui, é possível observar, assim, a vivência de imersão na realidade, bem como a construção coletiva que se realiza nesse brincar, como defende hooks (2017). Há, também, o início do duplo movimento (VYGOTSKY, 1934/1994), já que os participantes são conduzidos a refletir sobre as práticas experienciadas a partir de uma ecologia de saberes, ou seja, partimos da realidade e de nossos repertórios e começamos a contrapor-los a outros saberes compartilhados por meio de diferentes semioses (música, saberes de outros participantes, vídeos). Isso exige que os participantes lancem mão de novas ferramentas (cognitivas, afetivas, intelectuais) para ressignificarem essas experiências e a realidade da comunidade LGBTQIA+, assim como para elaborarem saídas para as situações de conflito e opressão, atuando, portanto, como uma passagem importante para o processo de imersão crítica, que passamos a discutir a seguir.

Construção Crítica de Generalizações

Nas salas simultâneas, pesquisadores, convidados especialistas na temática em discussão e demais participantes falaram sobre formas de tratamento, de referir-se ao outro, ideologias de gênero – recentes discussões na sociedade brasileira –, situações observadas no vídeo apresentado durante a imersão e outras compartilhadas de experiências próprias, em uma ecologia de saberes (SANTOS, 2010).

A proposta contemplou duas rodadas de discussões em salas diferentes com participantes distintos, que trouxeram para debate as formas de identificação de gênero, narrativa de suas experiências no Brasil e em outros lugares do mundo, formas de organização possíveis para tais discussões nas salas de aula e as abordagens desses temas em materiais didáticos. Em cada sala, ao longo de cerca de 20 minutos, os participantes compartilharam saberes distintos e produziram novos significados a partir de saberes trazidos das atividades anteriores com a mediação de convidados com experiências diversas na temática, sendo: professores universitários e também pesquisadores de gênero, sexualidade e corpos dissidentes na educação; uma palhaça lésbica do "Circo di SóLadies"²¹ – grupo formado por artistas que pesquisam a linguagem cômica na cena teatral, circense e audiovisual –; uma escritora afroindígena, lésbica, transgênero, ativista e blogueira; professores voluntários de

²¹ Para saber mais: linktr.ee/circodisoladies. Acesso em: 02 set. 2021.

inglês no projeto "English to Trans-form"²² e a professora fundadora desse projeto, que se descobriu Drag Queen (e assim se apresentou, como forma de posicionamento político) e que, em 2009, participou do Reality Show "Nasce uma Rainha", da *Netflix*, no qual contou como é ser um professor de inglês e uma Drag Queen e, também, como é ser uma Drag Queen que dá aula de inglês.

Nas discussões, algumas interações levaram à partilha de situações de profundo sofrimento, tais como "Não posso me vestir como eu gostaria" (PARTICIPANTE 1); "Sou tratada como eu pareço e não como eu gostaria" (PARTICIPANTE 2). Também surgiram pequenas *fissuras* que mobilizaram os participantes para ação transformadora, em que questionavam as atitudes de injustiças e opressão, como "De que forma a escola, que é um espaço para resistência, poderia olhar para essa causa e quebrar a normatividade?" (PARTICIPANTE 3); "que oportunidades que são dadas aos alunos para dizerem sobre si" (PARTICIPANTE 4). Além disso, o Participante 5, em uma das salas, concluiu diante das inquietações dos nomes e formas de tratamento, parafraseando uma citação da peça de Shakespeare, *Romeu e Julieta*: "O que é um nome, se uma rosa tivesse outro nome, que não fosse rosa, o seu perfume seria diferente?"

Com essas discussões e mobilizações afeto-cognitivas, os grupos tiveram a oportunidade de expandir de maneira crítica as experiências vividas e compartilhadas até ali e puderam, assim, retornar à sala plenária para realização da inserção na realidade, uma proposta de Prática de Mudança Social, que passamos a discutir.

Prática de Mudança Social

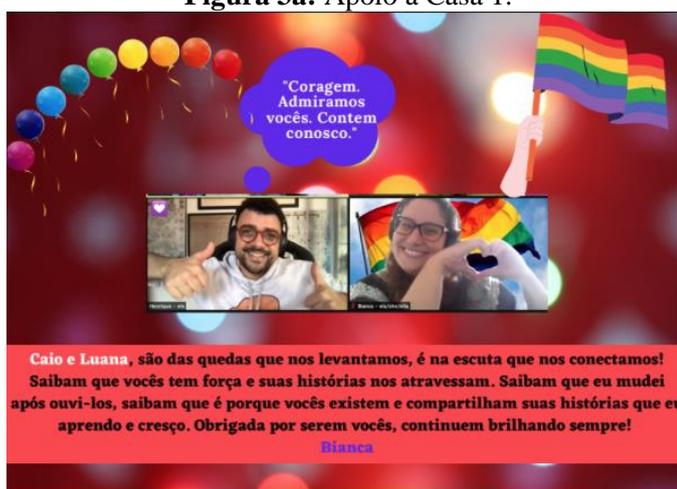
No retorno à sala plenária, um dos pesquisadores apresentou o projeto da Casa 1, situada na cidade de São Paulo, com ações voltadas para comunidade LGBTQIA+ e, também, depoimentos de duas pessoas apoiadas por esse projeto que narraram como ali chegaram e de como encontraram, nesse espaço, acolhimento, após terem vivido situações de opressão em virtude da grande dificuldade de encontrar trabalho e da expulsão de casa por sua identificação de gênero. Conforme relato de um dos participantes, "[...] minha vida começou a fluir. Consegui voltar a estudar, faço parte do Projeto 'English to Trans-form' e também do 'Espanhol to Trans-form'. São quase 4 meses que transformaram a minha vida. Eu saí de uma

²² Projeto de capacitação em língua inglesa de pessoas LGBTQIA+, com a priorização de pessoas trans, travestis e pessoas negras, independente da identidade de gênero ou orientação sexual. Além de aulas de inglês, são oferecidas aulas de português como segunda língua e aulas de espanhol.

vida totalmente estagnada para uma vida que está fluindo de uma maneira totalmente incrível". Outra participante, uma mulher transsexual, disse "[...] vim ser acolhida. Passei pela triagem, me acolheram e até agora está sendo muito agradável. Está sendo muito bom, a convivência com os amigos, são calma, e eu tenho tempo para pensar e organizar minha vida".

Então, novamente, remanejados para as salas simultâneas, os participantes da Brincada puderam organizar livremente algo que assumisse responsivamente uma atitude frente a todas as provocações e situações de sofrimento, em especial, as pessoas que compartilharam suas histórias. As produções criadas pelos participantes foram uma carta-rap, um cartão, um vídeo²³ e mobilizações para doações e postagens de divulgação da Casa 1 nas redes sociais (Figuras 3a, b e c).

Figura 3a: Apoio à Casa 1.



Fonte: acervo digital do Projeto Brincadas.

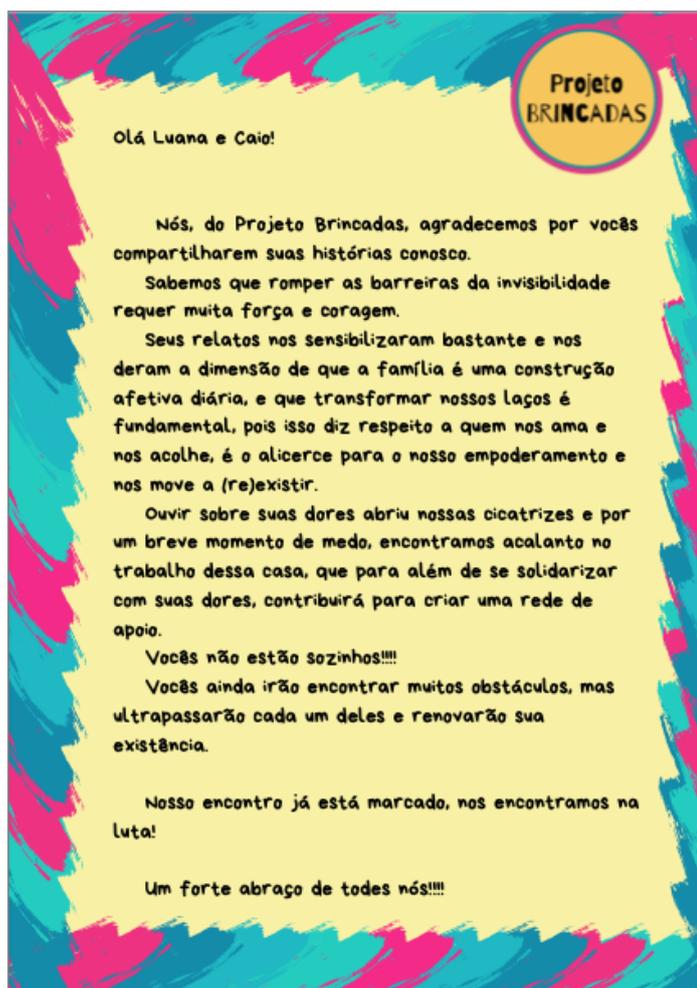
Figura 3b: Apoio à Casa 1.

²³ Disponível em: https://youtu.be/d2VJBZDt3_o. Acesso em: 06 out. 2021.



Fonte: acervo digital do Projeto Brincadas.

Figura 3c: Apoio à Casa 1 – carta.



Fonte: acervo digital do Projeto Brincadas.

Como encerramento do evento, cada grupo apresentou a sua produção e ouviu anúncio de outros coletivos LGBTQIA+ para que também fossem apoiados. Dessa forma, o encontro foi encerrado, mas possibilitou ampliação de repertórios; engajamento na defesa ao direito de ser e de não saber o que se pode ser; mudança de identidade de gênero, independentemente da idade; compreensão de uma vida em movimento que resiste diante das injustiças e expande os saberes, o amor, o respeito; e desejo por uma sociedade mais equânime, como podemos observar na carta de agradecimento do projeto aos participantes que compartilharam suas histórias: “você ainda irão encontrar muitos obstáculos, mas ultrapassarão cada um deles e renovarão sua existência. Nosso encontro já está marcado, nos encontramos na luta!”

Nas discussões e produções compartilhadas, os patrimônios vivenciais, (re)construídos ao longo das histórias de cada um, foram retomados e contribuíram para a conjugação dos múltiplos modos de ser, pensar, saber e agir que foram sendo (re)criados ao longo das atividades e das brincadeiras do encontro da Brincada. Os vários momentos da Brincada construíram bases para que os participantes *ousassem* pensar para além daquilo que inicialmente conheciam. Professores, alunos, pesquisadores e convidados puderam, ainda, brincar com possibilidades de conexão colaborativa com os demais e se permitiram questionar suas interpretações da realidade com palavras, gestos, cores, imagens e muitas formas de significar e conectar com o outro, como na experiência de produzir uma mensagem aos colegas da Casa 1. As produções realizadas foram compartilhadas com as pessoas apoiadas pela Casa 1, que reagiram positivamente ao diálogo estabelecido, na cadeia de possibilidades criada na Brincada.

Considerações finais

A discussão aqui apresentada busca mostrar caminhos possíveis de resistência e insurgência por meio do brincar no Multiletramento Engajado, uma proposta de ação formativa que: (i) parte da imersão na realidade da coletividade, principalmente considerando situações de opressão, para trabalhar conceitos escolares pré-determinados; (ii) oportuniza espaços de compartilhamento de uma ecologia ampla de saberes, considerando as múltiplas formas de fazer sentido dessa realidade; para (iii) criar as bases do desenvolvimento de instrumentalidades que permitam aos participantes assumir responsiva e responsavelmente atitudes e ações na intervenção e transformação dessas realidades.

Assim, criam-se *fissuras* na necropolítica que invisibiliza prantos e ensurdece gritos, que deixa nossas vozes roucas e nossos corpos em perigo. Desejamos, com o brincar no

Multiletramento Engajado, ir, portanto, além da linha onde “há apenas inexistência”. Buscamos compreender *por que vivemos*, escolhendo entre ter eletricidade ou o que comer, tendo de escolher quem pode respirar, como e com quem se relacionar. Ao ir além da realidade imediata, buscando entender sua complexidade e historicizando seus problemas, podemos criar possibilidades coletivas de superação na direção de “uma libertação da exploração econômica, da miséria social e da opressão política, porém uma libertação para construir uma sociedade nova, baseada na justiça e na solidariedade” (MARTÍN-BARO, 1998, p. 319).

Nesse sentido, além de expandir coletivamente seus patrimônios vivenciais e se posicionar responsivamente frente a situações de opressão, o trabalho desenvolvido ressalta a importância da interseccionalidade, que implica em considerar, por exemplo, as "conexões entre ideologias sexuais para justificar práticas sociais vigentes e o uso da força para manter essa ordem social", como aponta Collins (2000, p. 134). Nessa linha, consideramos central a ideia da autora (2019) sobre a conexão entre a interseccionalidade e a resistência intelectual ao desenvolvermos uma proposta de educação engajada, como apresentado na *Brincada do Orgulho LGBTQIA+*.

Essa é a dimensão que desejamos tornar possível: a compreensão de que a escola tem papel *insurgente*. Em outras palavras, é urgente que as escolas, em seus vários níveis e com seus vários participantes, desenvolvam propostas pedagógicas e curriculares para que possamos criar formas de vida mais justas que busquem o Bem Viver, pleno para todos, todas e todes.

Referências

ALICE JÚNIOR. Direção: Gil Baroni. Roteiro: Luiz Bertazzo. Elenco: Anne Celestino, Emmanuel Rosset, Surya Amitrano. Beija Flor. Brasil, 2019. **Netflix**. 87 min.

ANA E VITÓRIA - O FILME. Direção e Roteiro: Matheus Souza. Elenco: Ana Caetano, Vitória Falcão, Victor Lamoglia, Thati Lopes, Erika Mader, Bruce Gomlevsky, Clarissa Müller, Bryan, Ruffo. F/Simas. Brasil, 2018. **Netflix**. 115 min.

BARTHOLO, Daniela; MODESTO-SARRA, Luciana Kool; Nas brincadas da vida. In: LIBERALI, Fernanda Coelho et al. (Orgs.). **Educação em tempos de pandemia: brincando com um mundo possível**. Campinas, Pontes Editores, 2020.

COLLINS, Patricia Hill. **Intersectionality as Critical Social Theory**. Durham, NC: Duke University Press, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. **Black Feminist Thought**. Unwin Hyman, Inc: Cambridge, 2000.

DANTAS, Lucas Silva. Um Corpo Insustentável: A disputa dissidente pela permanência em sociedade. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, Mato Grosso, v. 2, n. 8, p. 203-214, 2019.

ENGESTRÖM, Yrjö (Orgs.). **Aprendizagem expansiva**. Trad. Fernanda Coelho Liberali. São Paulo: Pontes Editora, [1987] 2016.

ESPINOSA, Baruch. **Tratado Político**. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

EUPHORIA. Criação: Sam Levinson. Elenco: Zendaya, Hunter Schafer, Sydney Sweeney. A24 Television, The Reasonable Bunch, Little Lamb, DreamCrew, TCDY Productions. Estados Unidos, 2019. **HBO**. 61 min.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Trad. José Laurêncio Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1970.

GASTALDI, Alexandre Bogas Fraga; MOTT, Luiz; DE OLIVEIRA, José Marcelo Domingos; AYRES, Carla Simara Luciana da Silva; SOUZA, Wilians Ventura Ferreira; DA SILVA Kayque Virgens Cordeiro (Orgs.). **Observatório de Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil - 2020**: Relatório da Acontece Arte e Política LGBTI+ e Grupo Gay da Bahia. 1. ed. – Florianópolis: Editora Acontece Arte e Política LGBTI+, 2021.

GEFAELL, Clara Valverde. **De la necropolítica neoliberal a la empatía radical**: violencia discreta, cuerpos excluidos y repolitización. Barcelona: Icaria, 2015.

GONZALEZ, Mariana; GERALDO, Nathália. Aesp vota projeto que proíbe propaganda LGBT por "dano à criança"; entenda. **Universa UOL**, 20/04/2021. Diversidade. Disponível em: <https://bityli.com/kU4Laj>. Acesso em: 09 out 2021.

GONZÁLEZ REY, Fernando. Vygotsky's concept of perezhivanie in the psychology of art and at the final moment of his work: Advancing his legacy. **Mind, Culture, and Activity**, v. 23, n. 4, p. 305-314, 2016.

GORETH, Barradas. Grito em Silêncio. In: DARON, Dan, et al. **Colheita em Tempos de Seca**: cultivando pedagogias de vida por comunidades sustentáveis = Harvest in Times of Drought: cultivating pedagogies of life for sustainable communities. Marabá: Transformance, 2011.

GRINBERG, Felipe. Médico de emergência do Rio relata agonia de um plantão em que não há respirador para todos que precisam 'A sensação é que saímos todos os dias para a guerra', diz cirurgião-geral. **O Globo**. Rio de Janeiro, 22/04/2020. Disponível em: <https://bityli.com/uy7nw4>. Acesso em: 09 out 2021.

HOJE EU NÃO QUERO VOLTAR SOZINHO. Direção e Roteiro: Daniel Ribeiro. Elenco: Guilherme Lobo, Fabio Audi, Tess Amorim. Vitrine Filmes. Brasil, 2014. **Netflix**. 96 min.

HOLZMAN, Lois. **Vygotsky at work and play**. New York: Routledge, 2009.

HOOKER, Johnny; Part. LINIKER. Flutua (clipe oficial), 2017. 1 vídeo (7 '24"). Disponível em: <https://youtu.be/mYQd7HsvVtI>. Acesso em: 09 out. 2021.

HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

HOOKS, Bell. **Ensinando Pensamento Crítico**. Trad. LIBÂNIO, Bhuvi. Editora Elefante, 2020.

KRENAK, Ailton. **Caminhos para a cultura do Bem Viver**. Cultura do bem viver Org, 2020a. Disponível em: <http://www.culturadobemviver.org/>. Acesso em: 30 abr. 2021.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo, Companhia das Letras, 2020b.

LIBERALI, Fernanda Coelho. Transforming urban education in São Paulo: insights into a critical-collaborative school project. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 35, n. 3, p.1-26, 2019.

LIBERALI, Fernanda Coelho. **Multiletramento engajado na construção de práticas do bem viver**. No prelo, 2021.

LIBERALI, Fernanda Coelho; FUGA, Valdete Pereira. (Org.). **Cadeia Criativa: teoria e prática em discussão**. Campinas, SP: Pontes Editora, 2018.

LIBERALI, Fernanda Coelho; FUGA, Valdete; VENDRAMINI-ZANELLA, Daniela; MAZUCHELLI, Larissa Picinato; KLEN-ALVES, Viviane; MODESTO-SARRA, Luciana Kool; OLIVEIRA, Everton Pessoa de; MAGALHÃES, Maria Cecília Camargo; RODRIGUES, Penélope Alberto; PEJÃO, Rafael da Silva Tosetti; A vivência crítico-colaborativa para a superação das opressões. **Revista Psicologia da Educação da PUC-SP**. No prelo, 2021.

MAGALHÃES, Maria Cecília Camargo. Pesquisa Crítica de Colaboração: escolhas epistemometodológicas na organização e condução de pesquisas de intervenção no contexto escolar. In: MAGALHÃES, Maria Cecília Camargo; FIDALGO, Sueli Salles (Org.). **Questões de método e de linguagem na formação docente**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, p. 13-40, 2011.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. **Psicología de la liberación**. Madrid: Editorial Trotta, 1998.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. Trad. Luis Claudio de Castro Costa. São Paulo: Martins Fontes, [1989] 2007.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Artes & Ensaios**. Revista do PPGA/EBA/ UFRJ, n. 32. p.122-151, 2016.

MIGNOLO, Walter. The conceptual triad. In: MIGNOLO, Walter; WALSH, Catherine (Org.). 2018. **On Decoloniality**. Durham: Duke University Press, 2018.

MODESTO-SARRA, Luciana Kool; DIEGUES, Ulysses Camargo Correa; TISO, Marina. O Projeto Brincadas e a ruptura da necroeducação: criando o inédito viável. In: LIBERALI, Fernanda Coelho; CARRIJO, Viviane Letícia Silva (Org.). **Práticas Insurgentes para romper a necroeducação**. Pontes: Campinas. No prelo, 2021.

NEW LONDON GROUP. The Pedagogy of Multiliteracies: Designing Social Futures. **Harvard Educational Review**, v. 66, n. 1, p. 60-92, [1996] 2000.

NGUGI, Thiong'o wa. **Decolonising the Mind**: the politics of language in African literature. Nairobi: East African Educational Publishers, 1986.

POSE. Criadores: Ryan Murphy; Brad Falchuk; Steven Canals. Produtores: Janet Mock, Our Lady J, Lou Eyrich, Erica Kay. Color Force. Estados Unidos, 2018. **FOX Premium**. 45-78 min.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal. **Novos Estudos**, CEBRAP, v. 79, p. 71-94, novembro, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes, In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **The end of the cognitive empire**: the coming of age of epistemologies of the south. Durham: Duke University Press, 2018.

SANTOS, Viviani Teodoro; CASSANDRE, Marcio Pascoal. A aprendizagem organizacional da libertação: manutenção da ordem ou cultivo de uma semente transformadora? **Revista Brasileira de Estudos Organizacionais**, v. 7, n. 3, p. 481- 509, setembro-dezembro, 2020.

STETSENKO, Anna. **The transformative mind: expanding Vygotsky's approach to development and education**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2017.

THE PROM. Diretor: Ryan Murphy. Roteiro: Jack Vertel. Ryan Murphy Productions. Estados Unidos, 2020. **Netflix**. 131 min.

VENDRAMINI-ZANELLA, Daniela; LIBERALI, Fernanda Coelo; ESTEFOGO, Francisco; MAZUCHELLI, Larissa Picinato; MODESTO-SARRA, Luciana; MAGALHÃES, Maria Cecília Camargo; CANUTO, Maurício; PEJÃO, Rafael; SANTELLA, Sandra; FUGA, Valdeite. GP LACE na formação engajada. In: Simpósio de Grupos de Pesquisa sobre Formação de Professores do Brasil. **Anais [...]**. Brasília (DF), Universidade de Brasília, 2021. Disponível em: <https://bityli.com/4ApZct>. Acesso em: 31 ago 2021.

VERESOV, Nikolai. The Concept of Perezhivanie in Cultural-Historical Theory: Content and Contexts. *In: FLEER, Marilyn; GONZÁLEZ REY Fernando; VERESOV, Nikolai (Eds.)* **Perezhivanie, Emotions and Subjectivity**. Singapore, 2017.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. The problem of the environment. *In: Van der Veer, René; Valsiner, Jaan (Eds.)*. **The Vygotsky reader**. Oxford: Blackwell, [1934] 1994.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. O papel do brinquedo no desenvolvimento. *In: VYGOTSKY, Lev Semenovich. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, p.105-118, [1933], 1991.

WALSH, Catherine. Gritos, Gretas e Semeaduras de Vida: Entreteceres do Pedagógico e do Colonial. *In: SOUZA, Sueli Ribeiro Mota; SANTOS, Luciano Costa. (Org.) Entre-linhas: educação, fenomenologia e insurgência popular*. Salvador: EDUFBA, 2019.

Recebido em: 12 de outubro de 2021.

Aprovado em: 20 de dezembro de 2021.